

OS IMPACTOS AS EXIGÊNCIAS CONTEMPORÂNEAS NA RELAÇÃO FAMILIAR DE PAIS E FILHOS

Mirian Terezinha do Prado¹

Bárbara Margareth Freitas de Souza²

RESUMO

O tema abordado neste artigo ressalta as configurações da família e suas transformações na contemporaneidade, uma retrospectiva, desde a sua caracterização pelo patriarcalismo, abordando também as mudanças ocorridas após a incorporação da mulher no mercado de trabalho, e as repercussões na organização e na estrutura do funcionamento repercussões no funcionamento familiar, levando à proposição de novas configurações, arranjos familiares com interferências diretas na relação mãe e filho e na dinâmica familiar. Um dos principais desafios para a mulher está em conciliar tempo para tarefas domésticas, trabalho externo e permanecer com os filhos, de forma a estabelecer um vínculo afetivo harmonioso e consistente. Nesse contexto o presente estudo tem como objetivo refletir acerca do impacto da contemporaneidade nas relações familiares tendo como base a incorporação das mulheres no mercado de trabalho e assim como a relação mãe-filho.

Palavras-Chave: Mulher. Mercado de Trabalho. Relação Mãe-Filho.

ABSTRACT

The topic addressed emphasizes family settings and transformations of contemporary times, through a flashback, where it was characterized by patriarchy, also addressing the changes occurred after the women incorporate in the labor market. The entry of women in the work carries implications for the organization and functioning of family structure, leading to propose new settings, family arrangements with direct interference in the mother-child relationship and family dynamics. A major challenge for women is to reconcile time for housework, external work and be able to stay with their children in order to be possible to establish a harmonious and consistent bonding. In this context the present study aims to reflect acerca do impact of contemporary family relations based on the incorporation of women into the labor market and as well as the mother-child relationship is also touched by these variations.

Keywords: Woman. Labor Market. Mother-Son Relationship.

¹ Acadêmica do Curso de Especialização *Lato Sensu* em Educação, Diversidade e Redes de Proteção. Rua: Roberto Elhke, 86, Centro, Cidade: Canoinhas / Estado: Santa Catarina CEP: 89.460-000 e-mail: mirian.prado@hotmail.com.

² Assistente Social, Mestre em Serviço Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Rua: Roberto Elhke, 86, Centro, Cidade: Canoinhas / Estado: Santa Catarina CEP: 89.460-000 e-mail: barbara@unc.br.

1 INTRODUÇÃO

A família da sociedade contemporânea é fruto de um processo histórico e para entendê-la é preciso reportar aos seus antigos modelos. Através deste estudo será possível observar a interferência nas relações entre pais e filhos quando a figura materna está inserida no mercado de trabalho.

A partir do século XV que os sentimentos familiares se transformam e a família passa a concentrar-se em torno da criança. Os pais passam a se preocupar mais com os filhos e os enviam cada vez menos para serem cuidados por outra família. Têm-se aqui, relações cada vez mais sentimentais entre pais e filhos (ARIÈS, 1981).

Tal progresso no sentimento familiar e no sentimento da infância se estendeu através dos séculos XVI e XVII e foi responsável pela criação de zonas de intimidade física e moral que não existiam anteriormente.

No século XVIII, a família que até então se concentrava em casas grandes e que era um centro de relações sociais, passa a valorizar as pequenas residências e o convívio íntimo e exclusivo entre pais e filhos, mantendo a sociedade à distância, longe da vida particular (ARIÈS, 1981; BADINTER, 1985; COSTA, 1983).

Sendo assim, percebe-se que, se anteriormente, no período da Idade Média e início dos tempos modernos, a família cumpria somente a função de dar a vida, os bens e o nome, ela passa, a partir do século XVIII, a valorizar a sensibilidade e a intimidade em suas relações (ARIÈS, 1981).

É neste sentido que Ariès afirma que o moderno sentimento familiar, caracterizado pela intensidade das relações afetivas entre pais e filhos, privacidade do lar e cuidados especiais com a infância é semelhante ao encontrado nas burguesias rurais ou urbanas do século XVIII.

Nesta evolução histórica, pode-se distinguir três grandes fases pela qual passou a instituição familiar, quais sejam: a tradicional, a moderna e a contemporânea ou pós-moderna.

A primeira delas, a família dita tradicional, tinha por principal objetivo a transmissão do patrimônio através de casamentos arranjados entre os pais dos noivos.

Os casamentos se davam, geralmente, numa idade ainda precoce e prescindiam do amor para se efetuarem, ou seja, a vida sexual e afetiva do futuro

casal não era levada em consideração no contrato do casamento. Percebe-se aqui, a submissão da família frente à autoridade patriarcal e a ausência de afeto na constituição do casal (COSTA, 1983; ROUDINESCO, 2003).

Numa segunda fase, tem-se a família dita moderna, também chamada de família nuclear e/ou família conjugal burguesa. Tal modelo de família emergiu juntamente com a ascensão da burguesia ascendente do século XVIII e, portanto, é caracterizada por todo um sistema de valores burgueses, tais como: o amor entre os cônjuges e a sua união em benefício do bem estar dos filhos, maior interesse com a educação da prole, a valorização da maternidade e o estabelecimento de relações hierárquicas entre homens e mulheres (ARIÉS, 1981; COSTA, 1983; REIS, 2010; ROUDINESCO, 2003).

Uma concepção de família fundada no amor romântico (ROUDINESCO, 2003) e alicerçada na legitimidade, na indissolubilidade, na fidelidade e na autoridade da figura paterna (SILVA, 2010).

A consolidação deste modelo familiar produziu múltiplas implicações na vida de homens e mulheres. Uma delas diz respeito à divisão de tarefas dentro do ambiente familiar, no qual os homens foram vinculados à esfera da produção, ficando voltados para a vida pública, enquanto que as mulheres foram fixadas na esfera doméstica, ou seja, ficaram voltadas para a vida privada (REIS, 2010; SILVA, 2010; VIEIRA, SOUZA, 2010).

Neste contexto, a mulher dependia jurídica, moral, econômica e religiosamente do marido, tendo ocupado, tradicionalmente, um papel de subjugação em relação à figura masculina (BADINTER, 1985; ROUDINESCO, 2003; SILVA, 2010; STAUDT, WAGNER, 2008).

Além da divisão de tarefas, a consolidação desta nova ordem familiar, também produziu efeitos na organização dos papéis de pai e mãe a serem desempenhados pelo casal a fim de contribuir para a manutenção da nova ordem social.

Desta maneira, os indivíduos foram incentivados a exercer seus novos papéis em troca de algumas vantagens afetivas e sexuais como, por exemplo, a possibilidade de escolher seu parceiro conjugal (COSTA, 1983; REIS, 2010).

Sendo assim, a mulher, vista como frágil e não muito propensa à atividade intelectual, estaria mais disposta a abnegar seus desejos e ficaria encarregada dos filhos e da casa. O homem, por sua vez, considerado mais forte e vigoroso, seria

encarregado do provimento da família e da direção moral da mulher e de seus filhos (Badinter, 1985; Costa, 1983; Roudinesco, 2003; Reis, 2010), sendo que quanto mais distante e inacessível ele fosse, maior era a sua autoridade frente à família (SILVA, 2010).

Em decorrência deste arranjo, o amor materno-filial transformou-se em instinto e os laços familiares de sangue passaram a ser qualificados como mais fortes e importantes do que todos os outros (BADINTER, 1985; REIS, 2010).

Em suma, a família conjugal burguesa como construção simbólica, refletia um modelo de relações afetivas, sexuais e hierárquicas, no qual a vida familiar e a sociedade como um todo deveria se basear (SILVA, 2010). Com efeito, o advento da família burguesa não se deu de forma homogênea em todos os grupos sociais, tendo seguido trajetórias distintas e produzindo efeitos diferenciados nas diferentes classes sociais (PERES, 2001; REIS, 2010; SILVA, 2010).

A virada do século XX pode ser caracterizada pela decadência do patriarcado, o que fez com que a família se despatrimonializasse e perdesse sua rígida hierarquia de preponderância masculina (PEREIRA, 2011; PERUCCHI, BEIRÃO, 2007; PETRINI, 2005).

O prolongamento da família nuclear dependia, sobretudo, do bom desempenho da mulher como esposa e mãe, ou seja, era a resignação histórica das mulheres que sustentava os casamentos (KEHL, 2003; PEREIRA 2011; REIS, 2010).

Assim sendo, não é ao acaso que a atual “crise” desta organização familiar seja creditada ao ingresso da mulher no mercado de trabalho, o movimento feminista, os métodos anticoncepcionais e a possibilidade de divórcio (PEREIRA, 2003; RAMIRES, 1997; REIS, 2010; ROUDINESCO, 2003; SILVA, 2010).

Entretanto, cabe aqui destacar que estes fatores são apenas parte de um movimento mais amplo de mudanças sociais, sinalizado pela busca da democracia e afirmação dos direitos de cidadania, que culminaram na Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 (GOLDANI, 1994a). Com a Constituição de 1988, os princípios fundamentais para o ordenamento jurídico brasileiro foram estabelecidos.

No Brasil o ingresso da mulher no mercado de trabalho, deu-se a partir da década de 1960, quando o país apresentava um especial crescimento econômico. Na sociedade brasileira, predominava a família nuclear, porém devido às mudanças

citadas anteriormente, a mulher cada vez mais tem ocupado cargos remunerados, e muitas vezes elas têm sido as únicas provedoras das suas famílias.

A família contemporânea brasileira neste contexto é permeada por inúmeros desafios, e várias mazelas fazem parte do seu cotidiano, tais como a violência, o desemprego, a pobreza, as drogas e outras complicações, para compreender essas implicações nas relações entre pais e filhos no decorrer dos tempos realizou-se uma pesquisa.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa segundo Minayo (1993, p.23) é considerada como

[...] atividade básica das ciências na sua indagação e descoberta da realidade. É uma atitude e uma prática teórica de constante busca que define um processo intrinsecamente inacabado e permanente. É uma atividade de aproximação sucessiva da realidade que nunca se esgota, fazendo uma combinação particular entre teoria e dados.

Para a elaboração deste artigo foi desenvolvida pesquisa qualitativa, uma vez que esta se fundamenta em descrições detalhadas de situações, pretendendo demonstrar os componentes dos fenômenos. Esta nos permitindo realizar uma análise concreta dos dados obtidos.

Considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a sua objetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. É descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem. (SILVA, MENEZES, 2005, p. 20).

Para Triviños (1987, p. 136) “[...] o processo da pesquisa qualitativa não admite visões isoladas, parceladas, estanques. Ela se desenvolve em interação dinâmica retroalimentando-se, formulando-se constantemente [...]”.

Tem caráter bibliográfico, uma vez que se utilizam livros, artigos de jornais e revistas sobre o tema.

Para Gil (2002, p. 44), esta pesquisa é “[...] desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”.

Na visão de Vegara (2005, p.48) “[...] A pesquisa bibliográfica é o estudo sistematizado desenvolvido com base em material publicado em livros, revistas, jornais, redes eletrônicas, isto é, material acessível ao público em geral [...]”.

Barros e Lehfeld (2001, 34) ressaltam que:

A pesquisa bibliográfica é de grande valia e eficácia ao pesquisador porque ela permite obter conhecimentos já catalogados em bibliotecas, editoras, Internet, videotecas etc. A pesquisa bibliográfica se realiza comumente em três fases: identificação, localização e reunião sistemática dos materiais e dos fatos.

Quanto aos fins, trata-se de uma pesquisa explicativa, pois, pretende explicar a ocorrência de um fenômeno. “[...] este tipo de pesquisa tem como principal objetivo tornar algo inteligível justificando-lhe os motivos. Visa, portanto, esclarecer quais fatores contribuem, de alguma forma, para a ocorrência de determinado fenômeno” (VERGARA, 2005, p.47).

Segundo Gil (2007), a pesquisa explicativa preocupa-se em identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos, a mesma aprofunda-se no conhecimento da realidade e o porquê das coisas, é um tipo mais complexo e delicado, pois os riscos de cometer erros aumentam consideravelmente, as pesquisas explicativas podem ser as continuações de outra descritiva, posto que a identificação dos fatores que determinam um fenômeno exige que este esteja suficientemente descrito e detalhado.

Essa pesquisa baseia exclusivamente em métodos quase que experimentais em síntese, teorização e reflexão a partir do objeto de estudo. Visa identificar os fatores que contribuem para a ocorrência dos fenômenos ou variáveis que afetam o processo. Explica o porquê das coisas.

A pesquisa qualitativa é o caminho do pensamento a ser seguido. Ocupa um lugar central na teoria e trata-se basicamente do conjunto de técnicas a ser adotada para construir uma realidade. A pesquisa é assim, a atividade básica da ciência na sua construção da realidade. A pesquisa qualitativa, no entanto, trata-se de uma atividade da ciência, que visa a construção da realidade, mas que se preocupa com as ciências sociais em um nível de realidade que não pode ser quantificado, trabalhando com o universo de crenças, valores, significados e outros construtos profundos das relações que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 2003, p. 16-18)

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 FAMÍLIAS, SUAS FUNÇÕES E CONFIGURAÇÕES

Antes mesmo de seu nascimento o indivíduo já ocupa um lugar na família, sua, função é tão importante que, na sua ausência deve-se oferecer à criança e ao adolescente uma “família substituta” ou instituição que se responsabilize pela transmissão desses valores familiares oferecer condição para inserção na vida social.

Os pais são para os filhos os primeiros modelos de como os adultos se comportam, de como ser homem ou ser mulher, a criança incorporará a cultura que a família reproduz em seu interior.

No entanto, a dimensão que abarca as estruturas familiares é, sem dúvidas, muito ampla, haja vista que o seu conceito tem acompanhado as constantes transformações que permeiam a sociedade.

Entende-se a família como:

Um núcleo de pessoas que convivem em determinado lugar, durante um lapso de tempo mais ou menos longo e que se acham unidas (ou não) por laços consanguíneos. Ele tem como tarefa primordial o cuidado e a proteção de seus membros, e se encontra dialeticamente articulado com a estrutura social na qual está inserida. (MIOTO, 1997, p. 89).

Em virtude das várias mudanças ocorridas em na sociedade brasileira, sejam elas culturais, econômicas, ou sociais, pode ressaltar que o modelo de família ganhou novas configurações e definições decorrentes desse processo.

Na sociedade burguesa pode a formação familiar era ligada aos laços sanguíneos e a habitação em comum do pai, mãe e filhos, onde o sustento era provido pela figura paterna. A mulher (mãe) nesse período tinha como obrigações os cuidados domésticos e com os filhos, desta forma a esposa e filhos deviam obediência ao homem (pai), provedor do sustento familiar, ou seja, os papéis eram claramente definidos.

Segundo Calderón e Guimarães (1994, p. 29), “[...] a família nuclear burguesa surge como um tipo ideal e neste caso todos os arranjos familiares que se encaixam dentro desse modelo são considerados como famílias ‘boas’, ‘certas’, ‘estruturadas’”. Esse modelo de família burguesa idealizada faz parte da cultura e predomina na

sociedade, porém não pode considerá-la como único modelo familiar, pois diante de várias transformações ocorridas na sociedade, surgem novos arranjos familiares, levando a crer que o modelo de família nuclear burguesa encontra-se em crise. Conforme Zugman (2007), a família pela perspectiva histórica tem se apresentado em diversas composições e características e foi sofrendo transformações em seus modelos no decorrer da história.

De acordo com Zugman (2007) as novas configurações familiares são: família nuclear: pai, mãe e filhos; famílias reconstituídas: formadas por casais que trazem filhos do primeiro casamento; famílias monoparentais: decorrentes de divórcio ou separações, onde somente um dos pais assume o cuidado dos filhos, ou famílias onde um dos pais é viúvo ou solteiro; uniões consensuais: casais que moram junto sem formalizar sua união. Casais que preferem morar em casas separadas. Casais sem filho por opção: priorizam sua vontade de satisfação pessoal; famílias unipessoais: pessoas que optam por viverem sozinhas; família por associação: composta por amigos que formam uma rede de parentesco, baseada na amizade.

Ressalta-se também que o Supremo Tribunal Federal, em julgamento histórico entendeu que as uniões entre homossexuais deveriam ser consideradas formas de famílias, recebendo assim a mesma proteção do Estado destinada aos casais unidos pelos vínculos da união estável.

Seja qual for a configuração familiar “[...] é dentro da família que cada um deseja receber atenção, respeito e o reconhecimento da própria personalidade” (HELLER, 1987, p. 10).

Assim, para a compreensão da temática proposta faz-se necessário entender que a medida que a sociedade muda, surgem também novos arranjos familiares, que aliados a exigências sociais da atualidade, influenciam nas relações entre pais e filhos.

3.2 EXIGÊNCIAS SOCIAIS E SUA INFLUÊNCIA NAS RELAÇÕES FAMILIARES

Abordou-se no item anterior, que a organização da família vem se transformando constantemente, porém, desde sua origem, seja qual for sua formação a família deve desempenhar funções educativas, transmitir valores culturais, fornecer modelos de formação para o indivíduo viver socialmente e estabelecer suas relações.

[...] lutamos hoje contra coisas com que os nossos pais não precisavam lutar. A televisão, os jogos eletrônicos, o computador e a internet são algumas delas. Com a ajuda (boa ou má, porém real) dessas novas tecnologias que encantam as novas gerações, nossos filhos cedo aprenderam a argumentar e a usar uma lógica incrível, que nos desconcerta e que deixa muitos pais completamente sem argumentos (ZAGURI, 2008, p. 88).

Os valores e significados tendem a ser reformulado pelas pessoas, o tempo despendido no convívio familiar, buscar novas escolhas de lazer, rituais cotidianos, interação entre pais e filhos.

Outro grande desafio é o equilíbrio entre as responsabilidades familiares e o trabalho. Trabalho e família são duas esferas aparentemente regidas por lógicas diferentes, mas que, no entanto, se afetam mutuamente. Portanto para Carneiro, (1998 p. 35);

A participação da mulher no mercado de trabalho não a retirou imediatamente das obrigações de cuidados com o seu próprio lar. Na medida em que o homem não se sentiu no dever de dividir esses cuidados, a duplicidade do tempo dedicado ao trabalho doméstico somado ao trabalho fora de casa sentenciou a mulher a jornadas de 14 e 15 horas de trabalho ininterruptas. (CARNEIRO, 1998, p. 35)

Essa realidade está na base da situação de desvantagem que as mulheres enfrentam no mercado de trabalho e tem efeitos importantes na pobreza, na igualdade de gênero e na educação dos filhos.

Mesmo em lares aonde a figura paterna auxilia na divisão das tarefas, cada dia se torna mais difícil conciliar trabalho e educação dos filhos. Muitos pais se sentem frustrados, culpados e impotentes devido à falta de tempo para estarem junto dos filhos, por se verem forçados a entregar sua educação aos cuidados de terceiros, por não poderem participar dela e acompanhá-los em suas atividades etc.

Desta forma, querendo justificar sua ausência, os pais tentam compensar os filhos com bens materiais e não impõe limites, fazendo o desrespeito ganhar espaço na vida familiar.

Não bastassem as próprias dificuldades da tarefa de educar, atualmente a tarefa educativa da família passa “por um momento de perda de referenciais, pois os pais apresentam muitas dúvidas sobre qual a melhor forma de educar os filhos, o que contribui para a dificuldade em estabelecer limites” (ARAÚJO e SPERB, 2009, p. 186).

No passado, os avós e pais foram reprimidos pelos seus pais em função de uma educação autoritária, onde em um simples olhar as crianças já sabiam o que eles queriam lhes dizer. Atualmente no século XXI, os pais têm dificuldades em estabelecer limites e em colocar normas em seus lares, muitas vezes fazem isso com medo de provocarem danos aos filhos com atitudes restritivas, mas acabam levando a uma educação sem disciplina (CALDANA, 1998).

Quando os pais não colocam limites para os filhos desde sua infância, estão contribuindo para formar cidadãos que não compreendem suas responsabilidades e que não respeitam normas e o outro, acabam colhendo aquilo que semearam com sua educação (WHITE, 1976). Pais que não compreendem sua responsabilidade em mostrar para o filho seus erros e ainda defendem suas atitudes erradas estão contribuindo com um mal sem medidas na vida dos filhos.

Outro problema é cair no extremo oposto e ser extremamente repressivo. Pais inseguros reagem demonstrando poder. Enrijecem em suas decisões, refletindo a falta de confiança em si mesmo e, conseqüentemente, em seus filhos.

Entende-se assim que é necessário compreender as novas tecnologias e conciliar trabalho e família, agindo com segurança e firmeza de propósitos na educação dos filhos, mas com afeto e carinho, atingindo objetivos educacionais sem autoritarismo.

3.3 HISTÓRIA E EVOLUÇÃO DA MULHER NO MERCADO DE TRABALHO

Nos primórdios da humanidade a partir do surgimento das relações familiares entre homem e mulher, as mulheres já nasciam e eram educadas com o perfil ideal, traçado com a idéia de satisfazer os homens.

As mulheres deveriam ser mais educadas que instruídas, daí uma estrutura de ensino calcada na virtude e no sentimento, geradora da imagem ideal da esposa e mãe. Não protagonizava uma instrução, além da considerada necessária para atingir tais objetivos: casar e procriar.

Nas aulas as mulheres eram ensinadas para desenvolver as tarefas domésticas, com esmero e perfeição.

A partir do séc. XIX passa ser combatida essa ideia. Fazendo com que a educação de meninos e meninas fosse mais igualitária. Trazendo para dentro das escolas também outras disciplinas que colaborariam para o melhor desenvolvimento

da educação feminina. Deste período em diante, a mulher passa a ser vista sob novos aspectos. Seu perfil muda à torna um ser em construção, na busca de realização e desenvolvimento de suas potencialidades (LESKINEN, 2004).

Porém as diferenças e desigualdades em relação aos homens ainda estavam aparentes, principalmente no que diz respeito à educação. As mulheres, por exemplo, não podiam freqüentar uma faculdade, isso era direito garantido ao sexo masculino.

A introdução da mulher no mercado de trabalho se deu com a I e II Guerra Mundial (1914 – 1918 e 1939 – 1945), quando os homens iam para as batalhas e as mulheres passaram a assumir os negócios da família e a posição dos homens no mercado de trabalho (LESKINEN, 2004).

Com a consolidação do sistema capitalista, no séc. XIX, inúmeras mudanças ocorreram na produção e na organização do trabalho feminino. Com a revolução industrial (desenvolvimento tecnológico, surgimento das máquinas), boa parte da mão de obra feminina foi transferida para dentro das fábricas. Nessa época, o trabalho da mulher foi muito utilizado, principalmente na operação das máquinas.

Os empresários preferiam as mulheres nas indústrias porque elas aceitavam salários inferiores aos dos homens, porém faziam os mesmos serviços que estes.

Em razão disso, as mulheres sujeitavam-se a jornadas de trabalho de 14 a 16 horas por dia, salários baixos, trabalhando às vezes em condições prejudiciais à saúde, em empregos perigosos sem pagamentos de insalubridades e cumprindo obrigações além das que lhes eram possíveis, só para não perder o emprego.

Além de tudo, a mulher deveria, ainda, cuidar dos afazeres domésticos e dos filhos. Não existia uma proteção na fase de gestação, ou de amamentação (MARTINS, 2008).

A história da mulher no mercado de trabalho, no Brasil, está sendo escrita com base, fundamentalmente, em dois quesitos: a queda da taxa de fecundidade e o aumento no nível de instrução da população feminina. Estes fatores vêm acompanhando, passo a passo, a crescente inserção da mulher no mercado e a elevação de sua renda.

Segundo Teixeira (2008), para consolidar sua posição no mercado, a mulher tem adiado seus projetos pessoais, como a maternidade. A redução no número de filhos é um dos fatores que tem contribuído para facilitar a presença da mão-de-obra feminina no mundo do trabalho.

Com menos filhos, as mulheres têm facilidade em conciliar o papel de mãe e trabalhadora, pois a atividade produtiva fora de casa passou a ser tão importante quanto à maternidade.

Porém a trajetória da mulher nos últimos séculos é extraordinária: de uma educação baseada exclusivamente ao cuidado do lar, no período colonial, para uma participação tímida nas escolas públicas mistas em meados do séc. XIX, seguida de uma presença majoritária em todos os níveis de escolaridade, bem como uma expressiva participação no quadro docente da educação superior na sociedade contemporânea.

Sofreu inúmeras discriminações em razão do gênero, porém, sua evolução se deu da mesma forma, sendo que conseguiu e está conseguindo gradativamente conquistar seu espaço no mercado de trabalho, com o objetivo de atingir a igualdade perante o sexo oposto. Uma verdadeira revolução, as mulheres invadem o mundo de trabalho masculino, e, tecnicamente, acabam com a separação entre o mundo privado e o público (MURARDO, 1992).

4 CONCLUSÃO

As mulheres seguem sendo as responsáveis pelas atividades domésticas e pelo cuidado de filhos e demais familiares o que representa uma sobrecarga para aquelas que também realizam atividades econômicas, movidas pela necessidade de contribuir para a manutenção da família, ou mesmo pelo desejo de obter realização profissional, as mulheres -estão cada vez mais presentes no mercado de trabalho.

Apesar dos homens ainda serem a maioria no mercado de trabalho, a taxa de participação feminina cresceu, enquanto a masculina caiu.

Pesquisas recentes comprovam a crescente participação da mulher no mercado de trabalho e o aumento da sua importância econômica, bem como sua responsabilidade em ajudar no sustento da família e também o seu destaque profissional em diferentes setores.

Cresce também o número de mulheres em postos diretivos nas empresas. Essa ascensão se dá em vários países de maneira semelhante (ZILLI, 2004).

Hoje o perfil das mulheres é muito diferente daquele do começo do século. Além de trabalhar e ocupar cargos de responsabilidade assim como os homens, ela aglutina as tarefas tradicionais: ser mãe, esposa e dona de casa.

A entrada da mulher no mercado de trabalho repercutiu na relação mãe-filho e na dinâmica familiar e uma das principais dificuldades da mulher está em conciliar tempo para tarefas domésticas, trabalho externo e poder permanecer tempo com os filhos, de forma a ser possível estabelecer um vínculo afetivo harmonioso e consistente. Ao conscientizar-se a mulher quanto a esses valores sociais, talvez seja possível à mulher viver a maternidade e desempenhar a função materna com mais tranquilidade, menos sofrimento e culpa. Numa perspectiva sócio-histórica e cultural a relação entre a díade mãe-filho não é linear, haja vista o registro de distintos padrões de relacionamento entre mãe e filho. Na sociedade contemporânea, as mudanças ocorridas na relação mãe-filho relacionam-se, de certo modo, com a fragilização e/ou perda do sentido da tradição falta de tempo e com as tecnologias, os filhos se prendem aos vídeos games, celulares entre outros dispositivos, deixando o diálogo e o contato afetivo de lado. Vive-se a lógica do individualismo, do consumo desenfreado, do esquecimento e da inquietação, da busca da satisfação instantânea. Vive-se o aceleramento da vida e dos acontecimentos como algo natural e próprio da existência humana. As relações humanas estão cada vez mais sendo marcadas pelo individualismo, pela insegurança e pelo distanciamento afetivo. O relacionamento mãe-filho e a formação da subjetividade também são marcados pela fragilidade das relações afetivas familiares. É necessário que as mudanças advindas da contemporaneidade e seus impactos sobre a relação mãe-filho e na dinâmica familiar sejam apreendidas e contextualizadas, para que ocorram modificações na forma de conceber e “olhar” a díade mãe-filho e as práticas que permeiam as suas relações. Do contrário, o que podemos esperar de nossas crianças, o que está sendo feito delas? Por outro lado, é importante que a sociedade, as mães e as famílias reflitam sobre os cuidados atualmente dispensados às crianças especialmente no que diz respeito à elaboração de estratégias institucionais visando a oferta de melhores condições de trabalho e de proteção à mãe trabalhadora.

Trabalhar fora de casa é uma conquista relativamente recente das mulheres. Ganhar seu próprio dinheiro, ser independente e ainda ter sua competência reconhecida é motivo de orgulho para todas. Apesar da evolução da mulher dentro de uma atividade que era antes exclusivamente masculina, e apesar de ter adquirido mais instrução, os salários não acompanharam este crescimento.

Embora exista uma certa discriminação em relação ao trabalho feminino, elas estão conseguindo um espaço muito grande em áreas que antes era reduto masculino, e ganhou o respeito mostrando um profissionalismo muito grande. Apesar de ser de forma ainda pequena, está sendo cada vez maior o número de mulheres que ganham mais que o marido.

O grande desafio para as mulheres dessa geração é tentar reverter o quadro da desigualdade salarial entre homens e mulheres.

Pelo menos, elas já provaram que além de ótimas cozinheiras, podem também ser boas motoristas, mecânicas, engenheiras, advogadas e sem ficar atrás de nenhum homem. Já está mais do que provado que as mulheres são perfeitamente capazes de cuidar de si, de conquistar aquilo que desejam e de provocar mudanças profundas no curso da história.

O estudo proposto foi desenvolvido por meio de pesquisa bibliográfica. A pesquisa bibliográfica resultou num diálogo estabelecido entre vários autores estudiosos do mundo do trabalho, dos movimentos feministas, das políticas públicas, das questões de gênero da mulher trabalhadora.

Frente as teorias estudadas pelos autores mencionados neste trabalho, vimos que nos últimos anos, o mundo do trabalho sofreu uma série de mudanças no que diz respeito à inserção das mulheres considerando suas diferenças em relação ao universo masculino. No entanto, ainda é latente a desigualdade e a discriminação quanto à força de trabalho feminina, considerando as teorias discutidas pelos autores na pesquisa, muitas mulheres trabalham mais de 40 horas semanais, atuando em dois empregos para assim complementar a sua renda, além de ainda receberem salários inferiores aos dos homens, mesmo quando executam as mesmas tarefas. Com a pesquisa, confirma-se, portanto, a nossa hipótese inicial de que os múltiplos papéis das mulheres afetam suas relações, refletindo também na relação mãe e filho.

Sendo assim, segundo os autores as mulheres desenvolvem atividades domésticas, cuidam de membros da família, estudam e trabalham fora de casa, e como conseqüência dessa dupla jornada de trabalho, muitas delas tem conquistado um crescimento profissional. Apesar das dificuldades encontradas pelas mulheres em suas lutas diárias, percebeu-se também, que elas não desistem de buscar por melhores condições, visto que, conforme os autores muitas mulheres ingressaram no ensino superior, ou seja, investiram em estudos buscando melhores

oportunidades no mercado de trabalho. A partir do estudo bibliográfico, referente aos múltiplos papéis da mulher trabalhadora, buscou relatar a relação familiar, discussão instaurada por vários teóricos após inserção da mulher no mercado de trabalho. Dessa forma, acredita-se que este trabalho possa ser utilizado como subsídio teórico para pesquisadores da área, assim como contribuir para possíveis intervenções, no sentido de melhorar a relação familiar.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.
- ARAÚJO, G. B.; SPERB, T. M. Crianças e a construção de limites: narrativas de mães e professoras. **Psicologia em Estudo**. Maringá, v. 14, n. 1, p. 185-194, 2009.
- BADINTER, E. **Um amor conquistado** – O mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BARROS, A.; LEHFELD, N. **Projeto de pesquisa**: propostas metodológicas, Petrópolis: Vozes, 2001.
- CALDANA, R. H. L. A criança e sua educação na família no início do século: autoridade, limites e cotidiano. **Temas em Psicologia**. Ribeirão Preto, v. 6, n. 2, p. 87-103, 1998.
- CALDERÓN, A. I; GUIMARAES, R.F. Família: a crise de um modelo hegemônico. **Serviço Social e Sociedade**. São Paulo, v. 46, p. 21-34, 1994.
- CARNEIRO, C. **Trabalho de mulheres**: construindo e reconstruindo identidades. Franca: UNESP-FHDSS, 1998.
- COSTA, J. F. **Ordem médica e norma familiar**. 2 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1983.
- COSTA, M. A. M. **Responsabilidade civil no direito de família**. ADV – Advocacia - Seleções Jurídicas, 2, 27-31, 2005
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- HELLER, A. A concepção de família no estado de bem estar social. **Serviço Social e Sociedade**. n. 24. São Paulo: Cortez, 1987.
- LESKINEN, M. Educación una clave hacia la igualdad. **Revista Observatorio Social**. n. 5, 2004.

- MARTINS, S. Pinto. **Derecho del trabajo**. São Paulo: Atlas, 2008.
- MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 2.ed. São Paulo: Hucitec/ Abrasco, 1993.
- MIOTO, R. C. Família e serviço social: contribuições para o debate. **Revista Serviço Social e Sociedade**. n 57. São Paulo: Cortez, 1997.
- MURARDO, R. M.: **La mujer en el tercer milenio: una historia de La mujer a traves de lo tiempo y perspectiva para el futuro**. Rio de Janeiro: Rosa de losTiempos, 1992.
- REIS, E. F. **Varas de família – Um encontro entre psicologia e direito**. Curitiba: Juruá, 2010.
- ROUDINESCO, E. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- SILVA, J. M. **O lugar do pai: Uma construção imaginária**. São Paulo: Annablume, 2010.
- SILVA, E. LUCIA; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4 ed. Florianópolis: UFSC, 2005.
- SOUZA, C. L. C., BENETTI, S. P. C. **Paternidade contemporânea: Levantamento da produção acadêmica no período de 2000 a 2007**. Paidéia, 19(42), 97-106, 2009.
- STAUDT, A. C. P., WAGNER, A. **Paternidade em tempos de mudança**. Psicologia: Teoria e Prática, 10(1), 174-185, 2008.
- TEIXEIRA, G. **O que significa metodologia?** 2015. Disponível em <http://docslide.com.br/documents/o-que-significa-metodologia.html>. Acesso em maio/2016
- TRIVIÑOS, A. N. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.
- VERGARA, S. C. **Métodos de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 2005.
- VIEIRA, E. N., SOUZA, L. Guarda paterna e representações sociais de paternidade e maternidade. **Análise Psicológica**. 4(28), 581-596, 2010.
- WAGNER, A. Possibilidades e potencialidades da família – A construção de novos arranjos a partir do recasamento. **Família em cena – Tramas, dramas e transformações**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- WHITE, E. G. **Conselhos sobre educação**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1976.
- ZAGURY, T. **Educar sem culpa: a gênese da ética**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2008.

ZILLI, S. M. Mujer, discriminación y derecho del trabajo. **Revista Observatorio Social**. n. 5, 2004.

ZUGMAN, D. K. **Material didáctico**. Curitiba: 2007